

**CORAÇÕES PARA ALÉM
DO BIOLÓGICO EM
PROCESSOS DE
QUESTIONAMENTO DO
MUNDO**

HEARTS BEYOND THE BIOLOGICAL
IN PROCESSES OF QUESTIONING
THE WORLD

CORAZONES MÁS ALLÁ DEL
BIOLÓGICO EN EL PROCESO DE
INVESTIGACIÓN DEL MUNDO

Daniela Franco Carvalho¹
Lucia de Fátima Estevinho Guido^{2, 3}

RESUMO

Os corações estão nas ruas, nas redes sociais, nos *emojis*, nos *gifs*, nos lambes, nos coletivos, nas produções artísticas, nos slogans de propagandas e em inúmeros lugares onde é possível acessar o afeto, enquanto forma de resistência, em tempos líquidos. Gostou de algo? Vai curtir? Lá está o coração. Na sociedade da pós-verdade parece que há muitas pessoas cuidando de

¹ Licenciada em Ciências Biológicas, mestrado em Ciência de Alimentos e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Desde 2008 atua como professora no Instituto de Biologia e no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Trabalha uma disciplina sobre Ciências e Mídias. Pesquisa sobre museus e mídias, tendo como referencial teórico a obra do filósofo russo Mikhail Bakhtin. Participa do Estúdio MMuCCE (Mídias, Museus, Ciências, Culturas e Educação) onde cria fabulações sobre o contemporâneo. E-mail: <danielafcj@gmail.com>

² Possui graduação em Licenciatura Em Ciências Biológicas pela Organização Educacional Barão de Mauá, mestrado e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Docente do Instituto de Biologia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia atuando na formação inicial e continuada de professores de Ciências e Biologia. Pesquisa na área de Educação e Imagens, Biologia e Culturas. Coordena o Estúdio MMuCCE (Mídias, Museus, Ciências, Culturas e Educação). E-mail: luciag@umuarama.ufu.br

³ Endereço de contato das autoras (por correio): Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Ciências Biomédicas, Instituto de Biologia. Rua Ceará, s/n, Umuarama, CEP: 38400-902, Uberlândia, MG – Brasil.

externalizar o amor, a dor, os medos, as emoções em formato de corações. Corações para além do biológico, que comungam sentimentos públicos, onde para além dos relacionamentos pessoais, compartilham a solidão, a ansiedade, o desamor e as potências do afeto que estão no mundo. Por que um ícone tão antigo está presente com tanta intensidade nos dias atuais? Estamos, ao mesmo tempo em que nos distanciamos de pessoas no segundo de um clique, encontrando outras maneiras materiais e virtuais de expressar as emoções que nos atravessam e que nos fazem humanos?

PALAVRAS-CHAVE: Coração; redes sociais; afetos.

ABSTRACT

Hearts are on the streets, in social networks, in emoji ideograms, in GIFs, in wheat-paste posters, in collectives, in artistic productions, in advertising slogans and in countless places where it is possible to access affection as a form of resistance in liquid times. Did you like something? Will like? There will be the heart. In post-truth society there are people caring to externalize heart-shaped the love, the pain, fears and emotions. Hearts beyond the biological that share public feelings, where in addition to personal relationships, share the loneliness, anxiety, lack of love and the powers of affection that are in the world. Why an old icon is present with such intensity nowadays? Are we, at the same time that distancing ourselves from people in the second of a click, finding other material and virtual ways of expressing the emotions that cross our lives and make us human?

KEYWORDS: Heart; social networks; affections.

RESUMEN

Los corazones están en las calles, en las redes sociales, en el emoji e en GIFs, en los carteles, en el colectivo, en las producciones artísticas, las consignas de la publicidad y numerosos lugares en los que puede acceder el afecto como una forma de resistencia en tiempos netos. ¿Te ha gustado algo? Podrá disfrutar de?



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p115>

Ahí está el corazón. En la sociedad de la post-verdad parece que hay muchas personas que cuidan de exteriorizar el amor, el dolor, el miedo, las emociones en la forma de corazones. Corazones más allá de lo biológico, que comparten sentimientos públicos, que además de las relaciones personales, comparten la soledad, la ansiedad, la falta de amor y las potencias de afecto que están en el mundo. ¿Por qué un icono de edad está presente tan intensamente hoy? Somos, a la vez que nos alejamos de la gente en el segundo de un solo clic, la búsqueda de otros materiales y formas virtuales para expresar las emociones que se ejecutan a través de nosotros y nos hace humanos? <3

PALABRAS CLAVE: Corazón; redes sociales; afectos.

Recebido em: 05.10.2017. Aceito em: 01.12.2017. Publicado em: 01.01.2018.

O coração é o órgão do desejo (o coração se dilata, falha, etc., como o sexo), tal como ele é retido, encantado, no campo do Imaginário. O que é que o mundo, o que é que o autor vai fazer do meu desejo? Essa é a inquietude que reúne todos os movimentos do coração, todos os "problemas" do coração.
(Roland Barthes)

Coração biológico

Fixado ao tórax pelo saco fibroso pericárdico em posição levocardia. Massa muscular cavitária com quatro câmaras. Átrios. Bomba aspirante. Ventrículos. Bomba propulsiva. Pericárdio. Endocárdio. Miocárdio. Epicárdio. Sístoles. Diástoles. Valvas tricúspede, mitral, pulmonar e aórtica. Artéria coronária esquerda e direita. Veias que drenam para o seio coronário. Contrações rítmicas. Sistema de condução do coração. Invisível a olho nu. Geração e condução de impulsos elétricos. Nodo sinoatrial e atrioventricular. Feixe átrio ventricular. Fibras condutoras terminais. Miócitos. Fibras de Purkinje. Fibras pré-ganglionares do corno lateral dos suprimentos torácicos superiores. Fibras pós-ganglionares dos gânglios paravertebrais cervical e torácico superior. Estímulo simpático. Aumento da frequência cardíaca. Vasodilatação coronariana. Estímulo parassimpático. Diminuição da frequência cardíaca. Vasoconstrição⁴.

Frequência cardíaca 60 a 100 por minuto. Ausculta. Eletrocardiograma. Radiografia. Ecocardiograma. Tomografia. Ressonância magnética. Angiografia digital. Cintilografia. Cateterismo.

⁴ Inspirado em TORTORA e DERRICKSON (2010).

Para além

Seja através da dissecação de um corpo já sem vida ou por meio de um estetoscópio ou através dos mais avançados recursos da medicina diagnóstica, não há dúvidas sobre a existência do coração. Um órgão materializado em nós, que tem suas características anatômicas, fisiológicas e bioquímicas descritas em exaustão pela ciência. Mas que pulsa para muito além dos tratados médicos, dos livros didáticos e dos compêndios de cardiologia.

Ilustrado universalmente, podemos imaginá-lo em diferentes contornos, cores, preenchimentos, tamanhos. Em linhas para cima e para baixo de um gráfico em telas digitais. Escutá-lo num tum tum ecoado.

Coração enigma.

Coração solitário.

Coração multidão.

Basta uma volta na quadra, um passeio no shopping, uma ida ao supermercado, uma navegada pelas redes sociais e num piscar de olhos, certamente, encontrará um coração. Na letra de uma música, no colar de uma pessoa, na estampa de uma camiseta, na embalagem de um pacote de bolacha, na pichação de um muro ou na propaganda de um caldo de carne.

O coração está em mim, em você, em todos nós. Nos mantém vivos. Nos conecta em silêncio. Um simples <3 e já compreendemos. É o coração. Mas não só. Há muito mistério ali entre o < e o 3. Não são sístoles ou diástoles ou miócitos que estamos imprimindo no desenho do coração.

É um dizer sem palavras daquilo que verdadeiramente nos faz humanos.

Das emoções.

Do amor.

Mas não estaríamos na contra corrente do nosso tempo tão líquido⁵? Estampar o amor por aí? Congregar pessoas a se sensibilizarem? No corre-corre das avenidas? Nos caixas eletrônicos? No trânsito maldito? Nas filas quilométricas das casas lotéricas para pagar contas e mais contas? Na imediatez dos segundos anunciados nos celulares. Onde o tempo é cartão de crédito.

Assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro (BAUMAN, 2004, p. 21-22).

Falar de amor, por corações móveis, imortalizados em produções humanas é achar brechas em muros duros de medos coletivos.

Medo de sofrer.

De sofrer sozinho.

De sofrer com o outro.

De sofrer pelo outro.

Bauman (2004, p. 17) nos diz que “não se pode aprender a amar, assim como não se pode aprender a morrer. E não se pode aprender a arte ilusória – inexistente, embora ardentemente desejada – de evitar suas garras e ficar fora de seu caminho”.

Uma gangorra insensata entre o desejo e o medo. Entre o querer e o não querer.

Se pudéssemos procurar as respostas nas figurinhas de *amar é...*

Mas não podemos.

Amar é... entregar-se ao desconhecido.

Amar é... ser duplo.

⁵ Referência à modernidade líquida teorizada por Bauman (2004).

E “ser duplo significa consentir em indeterminar o futuro” (BAUMAN, 2004, p. 35).

E indeterminar o futuro produz medo. Porque o amor come a paz.

O amor comeu minha paz e minha guerra, meu dia e minha noite. Meu inverno e meu verão. Comeu meu silêncio, minha dor de cabeça, meu medo da morte. (João Cabral de Melo Neto⁶)

Os homens e as mulheres do nosso tempo são intolerantes à instabilidade. Não temos tempo para ficarmos instáveis. Os telejornais, os programas de entrevistas e as novelas nos orientam diariamente para não cairmos nessa armadilha. O turbilhão de sentimentos vinculados ao amor nos desestabiliza. E essa instabilidade nos impede de uma boa produção. Atrasa o sucesso. Afasta o lucro. Inibe o consumo. Gera infelicidade.

Melhor não arriscar.

O amor, esse descuido.
(João Carrascoza⁷)

O filme *Equals*⁸, dirigido por Drake Doremus, é uma ficção futurística sobre seres humanos que não possuem mais emoções e que realizam suas funções diárias de forma harmônica e organizada. No entanto, quando uma doença que ativa sentimentos nas vítimas passa a ameaçar toda a sociedade, os infectados são banidos da convivência com os demais. E nessa situação, um casal se apaixona.

⁶ Fala de Joaquim extraída do livro “Obras Completas” de João Cabral de Melo Neto, Editora Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994, p. 59.

⁷ Micronarrativa extraída do livro “Linha Única” de João Anzanello Carrascoza, Editora SESI-SP, São Paulo, 2016, 160 p.

⁸ Título no Brasil: “Quando te conheci”, 2015.

A instabilidade emocional provocada pelo outro, pelo medo de ser descoberto, é abordada com muita intensidade.

Não há paz com sentimentos humanos.

Precisamos nos manter inertes às dores do mundo.

Estar em vigilância para que a paixão não nos pegue.

Fugir da angústia.

Substituir aquilo que nos emociona por bens materiais, que podem ser guardados em gavetas, enfeitar móveis e nos garantir que estarão lá sempre que precisarmos.

Os outdoors nos informam que é sempre possível comprar o que precisamos para uma vida feliz.

Um remedinho na farmácia. Um docinho na padaria. Um livrinho de auto ajuda.

Um pouquinho aqui. Um pouquinho ali.

Nesse universo de felicidade comprável a todo custo, mas sem aproximações muito intensas com os outros, os celulares e as redes sociais trazem novas formas de conexão, ao toque de um clique.

O advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves. As conexões tendem a ser demasiadamente breves e banais para poderem condensar-se em laços. Centradas no negócio à mão, estão protegidas da possibilidade de extrapolar e engajar os parceiros além do tempo e do tópico da mensagem digitada e lida – ao contrário daquilo que os relacionamentos humanos, notoriamente difusos e vorazes, são conhecidos por perpetrar (BAUMAN, 2004, p. 83).

Com a mesma velocidade que se conhece mais gente, inflando o número de amigos ou seguidores nas redes sociais, podemos desfazer as amizades virtuais ou bloquear quem nos acompanha nas postagens diárias de fotos e

comentários que revelam nosso cotidiano, o que gostamos, o que fazemos. Podemos colocar *emojis*. Substituem dizeres.

Os contatos exigem menos tempo e esforço para serem estabelecidos, e também para serem rompidos. A distância não é obstáculo para se entrar em contato – mas entrar em contato não é obstáculo para se permanecer à parte. Os espasmos da proximidade virtual terminam, idealmente, sem sobras e sedimentos permanentes. Ela pode ser encerrada, real e metaforicamente, sem nada mais que o apertar de um botão (BAUMAN, 2004, p. 83).

A liquidez dos nossos dias movimentada sensações de que tudo que não for para a satisfação imediata, deve ser adiado. A brevidade das conversas virtuais e dos relacionamentos é latente. Percorre de forma invisível os *bites* dos computadores e nos avisam subliminarmente sobre o perigo do envolvimento. São placas de perigo esfumaçadas pelo caminho de curtidas.

Para Bauman (2004, p. 83) o advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves.

Estamos concorrendo para ver quem se importa menos.

Quem resiste mais.

Disfarçando interesses por segurança própria.

Para sofrer menos.

Ter menos problemas.

Continuar ativo.

Emocionalmente são.

Bauman (2004, p. p. 86-87) aponta que o namoro pela internet, ao contrário da incômoda negociação de compromissos mútuos, se ajusta perfeitamente, ou quase, aos novos padrões de escolha racional.

Afastemo-nos!

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p115>

O desvanecimento das habilidades de sociabilidade é reforçado e acelerado pela tendência, inspirada no estilo de vida consumista dominante, a tratar os outros seres humanos como objetos de consumo e julgá-los, segundo o padrão desses objetos, pelo volume de prazer que provavelmente oferecem e em termos de seu “valor monetário”. Na melhor das hipóteses, os outros são avaliados como companheiros na atividade essencialmente solitária do consumo, parceiros nas alegrias do consumo, cujas presença e participação ativa podem intensificar esses prazeres. Nesse processo, os valores intrínsecos dos outros como seres humanos singulares (e assim também a preocupação com eles por si mesmos, e por essa singularidade) estão quase desaparecendo de vista. A solidariedade humana é a primeira baixa causada pelo triunfo do mercado consumidor (BAUMAN, 2004, p. 97-98).

Mas, nos nossos dias contemporâneos, onde tudo é mercadoria, o que fazem esses corações pelas ruas?

Tem sapato com coração no salto. Pizza coração. Homens com cabeça coração grafitados nos muros. Lambe lambes falando dele. Bordados em grades. Em decotes. Em tatuagens. Costurados na parede.



A arte contemporânea nos provoca a pensar os corações como forma de resistência.

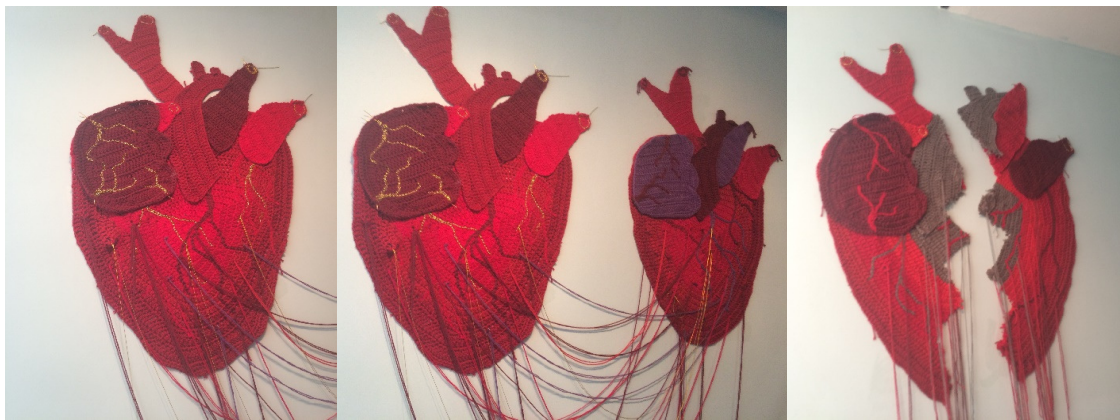
Falar de amor, no hoje, é um ato revolucionário⁹.

O desamor e a indiferença nunca geram forças suficientes para nos deter e nos demorarmos sobre o objeto, de modo que fique fixado e esculpido cada mínimo detalhe e cada particularidade sua. Somente o amor pode ser esteticamente produtivo, somente em correlação com quem se ama é possível a plenitude da diversidade (BAKHTIN, 2010, 129).

⁹ Inspirado no e-book Grupo ATOS - UFF e outros (2015).

Falemos!

A artista Karen Dolores¹⁰ invade as ruas com um grafite de crochê, alinhavado e colado nos muros das cidades.



São corações¹¹.

Com veias saltadas.

Em cores vibrantes.

Unidos por tramas de tecido.

Partidos.

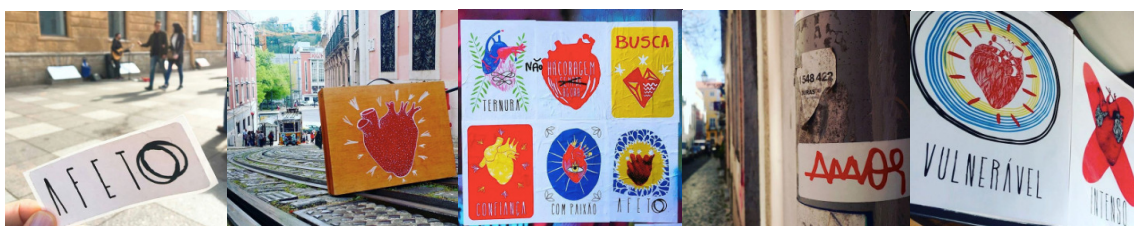
O artista e jardineiro Vital Lordelo¹², residente em Lisboa, tem espalhado lambe lambes, adesivos e maletas por onde passa.

Escritos sobre o afeto.

Sobre o amor.

Sobre o sentimental.

Sobre a ternura.



Sobre a intensidade.

E a vulnerabilidade.

Em São Paulo, um movimento.

Pulsa SP¹³

A descrição: Espalhando afeto pelas ruas da cidade. Projeto de intervenção e gentileza urbana que convida todos a olhar os espaços públicos com mais carinho.

Corações de tecido costurado com uma fita, junto com um recadinho ao transeunte, uma poesia e um desejo de que aquele objeto seja algo mais.

Pendurado em árvores.

Grades.

Viadutos.

Postes.



Estamos encontrando as brechas?

Estamos exatamente no ponto de fratura do contemporâneo¹⁴?

Será que conseguiremos enxergar na escuridão do nosso tempo através das sutilezas?

Dos encantamentos diários.

¹³ No Instagram busque por @pulsa.sp

¹⁴ Inspirado em Agamben (2009).

Daquilo que nos cativa no segundo do instante.

Estaremos por meio dos corações em fuga pensando possibilidades coletivas?

Favorecendo outras formas de se estar com o outro, nas cidades?

Será possível um novo tempo favorável à mixofilia?

Congregar esforços para vencer o medo junto com o outro.

Em espaços urbanos recheados de corações.

Ventando poesia?

Compaixão.

Mais favorável à fixação e ao cultivo de sentimentos mixófilos seria a estratégia oposta por parte de arquitetos e urbanistas: a propagação de espaços públicos abertos, convidativos e hospitaleiros que todas as categorias de moradores seriam tentadas a frequentar e estariam prontas a compartilhar, de modo regular e consciente (BAUMAN, 2004, p. 139-140).

Embora o *status quo* nos apresente dia após dia - por meio da mídia - a barbárie, o desamor, a indiferença, o medo, o preconceito, as inúmeras fobias sociais, é capaz que encontremos uma outra verdade. Uma verdade construída por quem vive esse contemporâneo. Uma verdade alicerçada na possibilidade de nos refazermos. De sermos diferente. De romper com esse *status quo* que nos indigna.

As reformas urbanas devem ser precedidas de uma reforma das condições de existência, já que estas determinam o sucesso daquelas. Sem essa reforma, confinados à cidade, os esforços para sobrepujar ou desintoxicar as pressões mixofóbicas tendem a continuar sendo apenas paliativos – com muita frequência, tão somente placebos (BAUMAN, 2004, p. 142).

Podemos pensar junto com Pedro Navarro que “sujeitos inseridos num mesmo momento histórico podem viver diferentes temporalidades, conforme a

relação que eles mantêm com os saberes instituídos e legitimados numa sociedade” (NAVARRO, 2008, p. 60).

Vivamos!

O artista francês JR¹⁵ tornou histórico o vivido, numa diferente temporalidade, que acabou como *meme* na internet.



Um coração de crianças sírias num campo de refugiados.

Uma mensagem para os drones.

Uma mensagem para o mundo.

Que em meio ao ódio há espaço para o amor.

Que em meio às catástrofes há possibilidades de gentileza.

Que em meio ao medo há pessoas.

¹⁵ <http://www.jr-art.net/jr>

E que nas pessoas habitam corações.

Biológicos.

Mas para muito além disso.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** E outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapeco: Argos, 2009, 91 p.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma filosofia do ato responsável.** [Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco]. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso.** Trad. por Hortência dos Santos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1989.

GRUPO ATOS - UFF e outros. **Amorização:** porque falar de amor é um ato revolucionário. São Carlos: Pedro e João Editores, 2015, 1089 p.

NAVARRO, Pedro. Discurso, história e memória. Contribuições de Michel Foucault ao estudo da mídia In: TASSO, Ismara (org.). **Estudos do texto e do discurso:** interfaces entre língua(gens), Identidade e memória. São Carlos: Editora Claraluz, 2008, 240p.

TORTORA, Gerard Jerry; DERRICKSON, Bryan. **Princípios de anatomia e fisiologia.** 12ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010, 1256 p.

Crédito das imagens

Coletadas do Instagram

Sapato com coração no salto: @charlotte_olympia

Pizza coração: @afetoearte

Homens com cabeça coração grafitados nos muros: @zelovegraffiti

Lambe lambes falando do coração: @davidberetz

Coração bordado na grade: @meiofio_

Coração no decote: @marcelolimarojo

Coração na tatuagem: @anatomiae

Coração costurado na parede: @afetoearte



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p115>

Arte de Vital Loderlo: @domvital

Projeto Pulsa SP: @pulsa.sp

Fotografia da intervenção do JR: @jr